

Winter Sleep

Por João Nunes (SP)

Não vi *Leviatã*, do russo Andreï Zviaguintsev, vencedor do prêmio da crítica (do qual participei) da 38ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo encerrada ontem. Portanto, meu comentário de *Winter Sleep* nada tem de comparativo. Dos que vi, o melhor da Mostra foi o do turco Nuri Bilge Ceylan, vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes deste ano.

Inicialmente, ele deve ser entendido a partir das características externas, como a duração, por exemplo: são 3h16 minutos de projeção, o que demanda disponibilidade e entrega do espectador, e descanso prévio para absorvê-lo como merece.

Depois, nossa atenção passa necessariamente pelo aspecto formal estabelecido pelo diretor e roteirista, pois se trata de narrativa não convencional – sempre bem-vinda para quem aprecia a linguagem cinematográfica. Assim, num primeiro momento, ficamos meio perdidos tentando decifrar qual é o objeto do filme e qual a maneira como este está sendo abordado.

Só aos poucos (e há um esforço do espectador em descobrir para onde o roteiro nos leva) vamos decifrando como a história está sendo contada. A narrativa se dá em blocos, quase como esquetes que, no geral, envolvem dois personagens, mas há cenas nas quais há mais de dois.

Em alguns desses blocos Ceylan apenas nos situa a história. Por exemplo, ficamos sabendo que o protagonista Aydin (o magnífico Haluk Bilginer) é um ator afastado dos palcos que administra o hotel herdado do pai na Anatólia, região da Capadócia (Turquia).

Como alívio dramático, temos pequenas conversas entre Aydin e alguns hóspedes o que nos lança dentro do cotidiano trivial dos personagens. Esses encontros parecem furtivos e desimportantes, pois os assuntos são comezinhos.

Mas não percamos de vista que mesmo estas conversas se inserem num contexto mais profundo de relações e significados, como o fato de um dos hóspedes sentir falta de cavalos no hotel. Pois Aydin decide adquirir um cavalo e as cenas da caça ao animal selvagem são alguns dos momentos mais belos do filme – além de emprestar simbologias ao protagonista em relação ao selvagem e à liberdade.

Portanto, só depois de um bom tempo de projeção começamos a nos acostumar com a narrativa e, então, mergulhamos na história que estabelece desde o início uma série de confrontos: o marido (Aydin) e a mulher Nihal (Melisa Sözen), Aydin e a irmã Necla (Demet Akbag), Aydin (na pessoa do capataz) e os inquilinos da fazenda que estão com o aluguel atrasado.

O encontro entre três amigos numa noite de bebedeira e confissões também pode ser considerado confronto, mas, aqui, as relações de amizade se sobrepõem, além de preparar espécie de catarse que nos levará ao desfecho.

Confronto é, na verdade, uma palavra amena para definir essas relações, pois eles, de fato, se digladiam. Contudo, quase nunca levantam a voz – o que aumenta a tensão – em diálogos

amargos, ácidos, ferinos e doloridos. São ofensas de ambos os lados que mais parecem troca de impressões sobre as relações deles, quando, pelo contrário, estão se destruindo uns aos outros.

E, mesmo assim, parece que nada está acontecendo naquele mundo perdido entre rochas e em meio a um inverno implacável. No entanto, o diretor vai traçando lentamente um profundo painel de relações afetivas e profissionais que revelam a dureza (existencial para uns, material para outros) da vida daqueles personagens.

Assim, quando nos damos conta estamos por inteiro sofrendo com os ataques mútuos do casal que não se suporta e se obriga a viver debaixo do mesmo teto. Ou com a amargura da irmã, separada do marido, que se debate numa troca de agressões infundável com Aydin.

Saindo das relações familiares para as profissionais, deparamos com o confronto do homem rico com o pobre e que gera momentos tão tensos quanto as cenas mais dolorosas do filme: o filho do inquilino joga uma pedra e quebra o vidro do carro de Aydin com pesadas consequências; Nihal visita os inquilinos com uma proposta que gera um desenlace de impacto assombroso.

Beleza

E, apesar da aspereza das relações, Ceylan consegue imprimir ao filme uma estética que, em princípio, pareceria mero artifício. Afinal, onde encontrar o belo em meio a tanto amargura?

Sim, os longos blocos recheados de diálogos angustiantes são emoldurados de luz, fotografia e direção de arte deslumbrantes, como se fossem telas tamanho o esmero. E quando saímos dos ambientes internos deparamos com as paisagens espetaculares das casas encravadas na rocha e do predomínio fascinante da neve ou de campos – a caçada ao cavalo selvagem, por exemplo, expõe toda a beleza do cenário e o modo como o diretor busca um caminho estético como linguagem.

E para quê? Há um arco dramático que se encaminha para a reconciliação do personagem consigo mesmo e com o outro. E nisto há uma beleza interna que move a externa. Os planos finais se tornam, assim, um encanto para os olhos e para a alma. E, quando o filme termina, não há como não se sentir arrebatado por eles.